

## **AMIZADE SOCIAL: mais coração nas mãos**

***“A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós uma espécie de ‘lei de êxtase’: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acréscimo de ser.***

(Papa Francisco – Fratelli Tutti n. 88)

O Espírito conduziu Jesus para a experiência do deserto; agora, o mesmo Espírito do Deus do Reino nos “empurra” para o deserto da existência humana, ou seja, ser presença inspiradora e comprometida em favor dos últimos, dos mais pobres, dos excluídos e marginalizados da sociedade. Os primeiros a experimentarem essa **vida** mais digna e livre que Deus quer para todos são justamente aqueles para os quais a vida não é vida.

Podemos, então, dizer que a primazia dos últimos inspirou sempre a atividade de Jesus a serviço do reino de Deus. Para Ele, os últimos são os primeiros. Ser compassivo como o Pai exige buscar a justiça de Deus começando pelos últimos.

Lucas captou isso muito bem quando apresenta Jesus na sinagoga de Nazaré, aplicando-se a si mesmo as palavras do profeta Isaías (62,1-2). Aqui Jesus apresenta seu “projeto com vida”, ou seja, começar sua missão resgatando a vida dos últimos, para torná-la mais sadia, mais digna e mais humana.

Fala-se aqui de quatro grupo de pessoas: os “**pobres**”, os “**cativos**”, os “**cegos**” e os “**oprimidos**”. Eles resumem e representam a primeira preocupação de Jesus: aqueles que Ele carrega no mais profundo de seu coração de Profeta do Reino. Ele quer deixar claro que os últimos são os prediletos de Deus.

O Deus de Jesus não é o aliado de uns poucos, nem é o Deus dos piedosos, dos poderosos e dos sábios. É, sobretudo, o Deus dos marginalizados, dos excluídos, dos enfermos e pecadores. O caminho para um mundo mais digno e ditoso para todos começa a ser construído a partir deles. Esta primazia é absoluta; é Deus que quer assim. Não deve ser menosprezada por nenhuma política, ideologia ou religião.

Só estaremos em sintonia com o coração do Deus de Jesus se estivermos com “**o coração nas mãos**”, comprometidos com a causa da “massa sobranete” (D. Luciano). Caso contrário, estaremos nos relacionando com um ídolo. Uma religião, conivente com qualquer tipo de exclusão e violência, é idolátrica.

Não podemos esquecer esta verdade: a “**opção pelos pobres e contra a pobreza**”, tal como aparece no evangelho, não é uma questão ideológica, filantrópica ou político-partidário, nem uma moda posta em circulação depois do Vaticano II e Medellín. É o “modo de proceder” que anima a vida inteira de Jesus na busca do Reino e sua justiça. Deus não pode reinar no mundo sem fazer justiça aos últimos.

Esta afirmação traz consigo o seguinte: o **amor** aos pobres e contra a pobreza é **dom** de Deus.

O **amor** aos empobrecidos nasce do encontro vivo e existencial com o Senhor Jesus, que rico se fez pobre (2Cor. 8,9). Deus ama os **pobres** simplesmente porque eles são **pobres**, “*porque assim é do seu agrado*” (Mt. 11,25). E os **pobres**, os preferidos de Deus, são empobrecidos efetivos, reais e concretos, vítimas de estruturas sociais e políticas injustas. Ou seja, a compaixão de Deus pelos **pobres** é absolutamente gratuita. Também a nossa opção, que é uma resposta à interpelação do rosto do empobrecido, nasce da absoluta **gratuidade** de Deus e é chamada a manifestar esta **gratuidade**.

Como cristãos, somos seguidores(as) de uma Pessoa e não de uma religião, de uma doutrina, de uma moral. O seguimento de Jesus, **escola de liberdade cristã**, dá ao amor preferencial pelos pobres, por todos os pobres, a verdadeira dimensão e o verdadeiro sentido da nossa existência cristã; sem esse **amor pelos pobres** caímos numa prática religiosa estéril, desprovida de humanização.

A **opção pelos empobrecidos** não significa assumir o lugar deles; trata-se de devolver a eles o protagonismo de sua história e a autonomia de seu destino.

A amizade com o “**outro**” marginalizado dá um toque especial à nossa espiritualidade e nossa espiritualidade faz nossa **ação** mais radical – mais enraizada em si mesma e vai mais a fundo nas raízes da injustiça. Aproximar-nos do **empobrecido** e deixar-nos “**afetar**” pelo seu sofrimento torna-se a maior fonte de nossa espiritualidade.

Suas “**fraquezas**” suscitam em nós o melhor de nós mesmos e, ao nos envolver afetivamente em sua vida, fazem com que vivamos um misto de **ternura** e **indignação**, a que chamamos **compaixão**.

Na medida em que o(a) seguidor(a) de Jesus se vê interpelado pelo rosto do **empobrecido** e age, esta sua ação revela a **compaixão** de Deus. A nossa **ação** deve fazer resplandecer a **compaixão** de Deus pelos últimos e excluídos.

Quem é possuído pelo **ágape** de Deus é sensível e comprometido com o mundo dos empobrecidos.

O **amor preferencial pelos empobrecidos** é divino, antes de ser humano. E o ser humano só pode assumi-lo como seu porque antes o contemplou na prática salvadora e amorosa de Jesus Cristo, e porque este **amor** foi por Deus colocado no mais profundo do seu coração.

Nos Evangelhos, Jesus Cristo é o **pobre** e o **servidor** por excelência, Aquele que, a partir de sua condição divina, se encarna, se esvazia e assume o lugar dos últimos. O seguimento de **Jesus pobre** é a única via de acesso ao mistério glorioso do amor de Deus. A opção pelos **pobres** e contra a **pobreza**, tal como aparece na Igreja latino-americana é, portanto, uma **opção de amor**.

Seguir Jesus hoje é prolongar, criativamente, a sua presença e o seu compromisso junto aos mais excluídos, vítimas da ganância humana. Somos, portanto, chamados a construir uma **“cultura da solidariedade e partilha”**. Significa viver de modo que a **solidariedade** constitua um pilar em nosso projeto de vida.

A **solidariedade** implica encontrar-se com o *“mundo do sofrimento, da injustiça, da fome... e não ficar indiferente”*. A **solidariedade**, que nasce da **compaixão**, leva a reconhecer no **outro** (sobretudo o outro que é excluído) uma dignidade e uma capacidade criativa de superar sua situação.

A **solidariedade** permeia e redimensiona assim toda a nossa existência. Não é um evento, um ato isolado. Ela faz solidária a vida em seus desdobramentos, fermenta o cotidiano real de nossas existências, infunde sentido e razão de ser àquilo que somos e fazemos.

Isto pede de nós uma atitude de abertura ao outro, o que implica colocar-nos em seu lugar, deixar-nos questionar e desinstalar por ele... Importa, pois, re-descobrir com urgência a **solidariedade** como valor ético e como atitude permanente de vida; não uma solidariedade ocasional, mas uma solidariedade cotidiana que se encarna nos pequenos gestos de inclusão do dia-a-dia.